

A toxicidade oculta em relacionamentos lésbicos

The hidden toxicity in lesbian relationships

Bruna Ferraroli Amaral^a, Leila Frayman^b, Mino Correia Rios^c

a: Graduanda do Curso de Psicologia do Centro Universitário das Faculdades Metropolitanas Unidas - FMU/Brasil

b: Docente do curso de Psicologia do Centro Universitário das Faculdades Metropolitanas Unidas

c: Psicólogo, Docente do Curso de Psicologia e da Especialização em Psicologia Clínica da Universidade do Estado da Bahia - UNEB/Brasil; Docente do Curso de Psicologia do Centro Universitário Estácio/Brasil

Resumo

Esta pesquisa tem como objetivo analisar padrões de relacionamentos abusivos entre casais de lésbicas. O estudo completo foi conduzido por uma abordagem qualitativa e quantitativa com características exploratórias. A subparte aqui apresentada refere-se a um segmento de resultados quantitativos. As participantes foram 46 mulheres que se autodenominam lésbicas, com idades entre 20 e 40 anos ($x=26,5$; $dp=5,2$). Os dados foram coletados por formulário eletrônico e análise executada com SPSS 20.0. Os resultados indicam que 95,64% das participantes já passaram por um ou mais relacionamentos lésbicos abusivos. Esse padrão ocorre apesar do alto nível de escolaridade da amostra. Também é possível detectar alguns limites para identificar sua experiência em relacionamentos abusivos anteriores. Os resultados reforçam o que a escassa literatura apresenta: a frequência de abuso em relacionamentos lésbicos, embora pouco investigada, é alta. O estudo infere que esse padrão abusivo pode estar de alguma forma relacionado à construção social dos papéis femininos. Por fim, enfatizou a relevância do tema e a necessidade de estudos adicionais.

Descritores: relacionamentos abusivos, lésbicas, invisibilidade

Abstract

This research aims to analyze patterns of abusive relationships between lesbian couples. The complete study was run by a qualitative and quantitative approach with exploratory features. The subpart here presented refers to a segment of quantitative results. The participants were 46 women that describes themselves as lesbian, with ages between 20 and 40 years ($x=26.5$; $sd=5.2$). Data were collected by an electronic formulary and analysis run with SPSS 20.0. Results indicate that 95.64% of participants have passed through one or more lesbian abusive relationships. This pattern occurs despite of high scholarly level of the sample. It's also possible to detect some limits to identify their experience in previous abusive relationships. The results reinforce what scarce literature presents: the frequency of abuse in lesbian relationships, although underinvestigated, is high. The study infers that this abusive pattern can be somehow related to the social construction of feminine roles. Finally, it emphasized the relevance of the issue and the need for additional studies.

Descriptors: abusive relationships, lesbians, Invisibility

INTRODUÇÃO

O debate em torno dos “relacionamentos abusivos” carrega, por si só, uma diversidade de desafios, demandando uma ampliação das investigações sobre os mesmos. Em primeiro lugar, existe o próprio desafio em termos da delimitação do conceito, dada a possibilidade de múltiplas dimensões sobre o que constituiria um “relacionamento abusivo”. Essa dificuldade

na delimitação constitutiva se torna ainda mais desafiadora para os casais que vivenciam facilitando para que diversos relacionamentos que incorporam aspectos tóxicos em sua dinâmica não os percebam, ainda que se trate da condição de vítima. Como desdobramentos, existem os desafios em torno do mapeamento de como as pessoas percebem e vivenciam esse abuso, como desenvolver uma agenda adequada de pesquisas, sobretudo para lastrear políticas públicas e estratégias de intervenção. Dessa maneira, pesquisas sobre a temática são cruciais tanto para o avanço teórico quanto para o delineamento de intervenções.

Quando focamos em relacionamentos abusivos em casais lésbicos, a necessidade da realização de estudos se faz ainda maior, tendo em vista que existe um déficit considerável de materiais científicos acerca do tema. Realizando uma busca no PePsic e no SciELO utilizando os termos “lésbica”, “lésbicas”, “lesbianidade”, “lesbianidades”, “lesbianismo”, “lesbianismos”, “lesbigay” e “lesbofobia”, foram encontrados 96 trabalhos. Desses, apenas dois discutiam relacionamentos abusivos entre lésbicas. Um dos trabalhos encontrados acerca do tema trata-se de um trabalho teórico em francês e o outro é realizado sob a ótica de assistentes sociais, não averiguando a percepção das vítimas em si ou construtos de natureza psicológica.¹ Desse modo, se a pesquisa sobre relacionamentos abusivos já conta com desafios e lacunas, em se tratando da população lésbica verifica-se uma invisibilização do fenômeno em si.

Quando falamos em relacionamentos abusivos, precisamos ter em mente que o abuso pode se configurar de diversas formas, inclusive de formas extremamente sutis, quase imperceptíveis, onde o sujeito que sofre o abuso não consegue identificá-lo. Muitas pessoas passam e/ou já passaram por relacionamentos abusivos nos quais foram incapazes de nomeá-los como tal¹. Os relacionamentos tornam-se abusivos a partir da ocorrência de violência dentro dos mesmos. A prática das violências dentro desse tipo de relacionamento é motivada pela necessidade de domínio/ controle sobre a parceira. É sabido que existem diversos tipos de violência, contudo, o presente estudo focará nas violências física, sexual e psicológica, de modo que, entende-se como agressão psicológica xingamentos, chantagens, ameaças, constrangimentos, imposição de ideias etc; já a agressão física trata-se da agressão direta, podendo ser caracterizada por tapas, murros, empurrões, chutes, espancamento, entre outros; por fim, compreende-se como agressão sexual o ato de molestar, forçar relações e práticas de conotação sexual com a(o) parceira (o).²

As pessoas saberem distinguir um comportamento aceitável de um comportamento inaceitável é extremamente importante. Não é incomum ouvirmos dizer, nos relatos de pacientes, como é sinalizado pela própria Neal¹ os abusos psicológicos causam danos e

¹ Busca realizada em 30 de junho de 2022

prejuízos tão severos quanto os abusos físicos. O abuso é caracterizado por qualquer comportamento que tenha o intuito de ferir, magoar, manipular, culpar, intimidar, controlar ou humilhar uma outra pessoa.^{1 3 4}

Apesar do tema acerca de relações abusivas ter hoje uma visibilidade considerável, podendo ser encontrado na literatura também com outras denominações como por exemplo “violência doméstica”, “violência conjugal” e “violência contra a mulher” o mesmo não ocorre quando se trata de relacionamentos entre duas mulheres. Fato que se repete tratando-se da proteção e atenção às mulheres vítimas de violência, tendo em vista que mulheres heterossexuais podem contar com maior apoio tanto no que diz respeito ao movimento feminista que se posiciona ativamente contra homens que cometem algum tipo de abuso contra suas parceiras, quanto no que diz respeito à amigos, familiares e/ou instituições que deveriam servir como rede de apoio.⁴

Apesar do governo brasileiro entender a violência doméstica como um problema desde a década de 40, o tema ganhou maior visibilidade e estudos na década de 70, com o movimento feminista. No entanto, os estudos acerca do mesmo tema, mas voltado para relacionamentos homoafetivos, começaram a ser realizados apenas 20 anos mais tarde, na década de 90.³

O artigo 5º da lei Maria da Penha define violência doméstica e familiar contra a mulher como “qualquer ação ou omissão baseada no gênero que lhe cause morte, lesão, sofrimento físico, sexual ou psicológico e dano moral ou patrimonial.” É importante ressaltar que a lei Maria da Penha contempla todas as mulheres independentemente de raça, cor, orientação sexual etc. Contudo, há uma tendência a achar que a lei é válida apenas em casos de agressão onde o agressor ou abusador é do sexo masculino, assim como, por vezes entende-se que essa agressão precisa ser exclusivamente física, o que não é verdade. Sendo assim, a lei Maria da Penha também engloba agressões/ abusos que não tenham sido físicos, como é o caso de abusos psicológicos, e que tenham sido cometidos por pessoas de qualquer gênero, inclusive mulheres.^{3 4}

São previstos pela lei cinco principais tipos de violência doméstica, sendo esses a violência psicológica, a violência física, a violência sexual, a violência patrimonial e a violência moral. Contudo, o presente estudo irá se limitar ao estudo dos três primeiros tipos de violência citados acima.

A violência contra a mulher, de acordo com as Nações Unidas (1993), consiste em quaisquer atos violentos que se baseiem no gênero, que provoque ou tenha probabilidade de provocar, danos físicos, sexuais e/ ou psicológicos, incluindo a ameaça para a prática dos referidos atos, a coerção ou privação arbitrária da liberdade em ambiente privado ou público.⁵

Quando falamos da ocorrência de abuso nas relações entre duas mulheres há uma invisibilidade que se dá pelo fator cultural e pelo padrão heteronormativo imposto. Os papéis de gênero têm grande responsabilidade, tendo em vista que eles tendem a desconsiderar a possibilidade de uma mulher assumir o papel de abusadora em uma relação afetiva, pois o gênero feminino é associado à doçura, à compreensão, à maternidade, ao cuidado, ao acolhimento etc. A mulher acaba sendo considerada não violenta, frágil, indefesa, incapaz de causar danos e/ou prejuízos a qualquer indivíduo. Por muito tempo a mulher foi educada apenas para servir ao marido e atender todas as necessidades e vontades dele, assim como as dos filhos e cuidar da casa. Vontades e/ou sonhos da mulher não eram sequer cogitados e assumia um papel totalmente submisso, sendo considerada incapaz de tomar decisões, assumir outras responsabilidades, cuidar de si mesma e pensar por si só. Seguindo essa linha de raciocínio essa figura seria completamente incapaz de cometer qualquer tipo de abuso, uma vez que sequer possui a capacidade de construir e sustentar pensamentos próprios. Hoje o cenário é diferente, as mulheres conquistaram direitos e cada vez mais vêm conquistando seu espaço, contudo esse papel socialmente imposto por tanto tempo ainda reverbera fazendo com que muitas pessoas ainda enxerguem a mulher de uma forma distorcida e equivocada, voltando a associá-la a esse papel de ingênua, indefesa e submissa, fato que torna a possibilidade de haver mulheres que exerçam o papel de abusadoras dentro de um relacionamento invisível aos olhos da sociedade.⁴

Essa invisibilidade é ainda mais acentuada por diversas problemáticas que rondam os relacionamentos lésbicos. Um possível fator é o medo da própria comunidade LGBTQIAP+ de um possível efeito rebote, caso venha a priorizar, colocar em pauta e trazer à luz o tema dos abusos em relacionamentos homoafetivos. Fazer com que essa discussão ganhe visibilidade pode representar um sério risco para a comunidade LGBTQIAP+, tendo em vista que ainda vivemos em uma sociedade preconceituosa, onde a ocorrência de LGBTQIAP+fobia é extremamente alta e muitos ainda visam tornar pessoas que se identificam como LGBTQIAP+ como doentes.⁶

Sabemos que ser lésbica no Brasil é extremamente difícil. A dificuldade começa dentro da própria casa, onde o primeiro desafio é se assumir para a família. Muitas mulheres que se assumem lésbicas, além de lidar com o preconceito de terceiros, precisam lidar com o preconceito familiar que pode chegar a níveis mais elevados envolvendo negação, rejeição, humilhação, quebra do vínculo familiar etc. Posteriormente se deparam com esse preconceito no cotidiano, seja de forma mais sutil ou mais explícita. No trabalho, por exemplo, é comum a ocorrência de comentários maldosos e piadas preconceituosas que muitos defendem ser algo “inocente” e “sem maldade”. Esse preconceito pode chegar a níveis extremos acarretando até mesmo em demissão e/ou a não contratação devido a orientação sexual. Por mais absurdo

que isso possa parecer, é algo que ainda hoje acontece com frequência, mas obviamente tende a ser escondido.⁷

Quando mulheres lésbicas se deparam com um relacionamento abusivo, muitas não têm uma rede de apoio que as ajudem a sair deste, justamente pelo preconceito sofrido vindo da sociedade, amigos e/ou familiares e, também, pela falta de referência.³

Na maioria das vezes quando estamos em um relacionamento abusivo é extremamente necessária uma terceira pessoa que consiga nos alertar e abrir nossos olhos sobre o que estamos vivenciando. Essa pessoa também costuma nos mostrar outras possíveis alternativas e saídas, pois quando estamos em um relacionamento abusivo tendemos a nos sentirmos extremamente sós, insuficientes, desorientadas, confusas e sem visão do panorama geral. Raramente conseguimos enxergar com clareza e nitidez o que está nos acontecendo. Isso costuma se dar também pelo fato de que a pessoa que assume o papel de abusadora, na maioria das vezes, consegue nos manipular a ponto de nos afastar de nossos amigos, nos fazer acreditar que somos insuficientes e que precisamos dela, fazendo com que seja praticamente impossível enxergar uma vida sem essa pessoa.⁸

Além disso, os inícios desses relacionamentos costumam ser bastante intensos e fascinantes, gerando euforia e sensação de bem-estar, o que faz com que sempre exista a esperança de voltar a ser o que já foi um dia, pois as pessoas que assumem o papel de abusadoras fazem o que for preciso para conseguir o que querem da outra pessoa, até mesmo fazer com que essa outra pessoa se sinta culpada pela situação atual. Mulheres lésbicas muitas vezes não têm essa terceira pessoa para mostrar outras alternativas, apoiá-las e dar sustentação, seja pelo fato de ter tido relações familiares e/ou amigáveis encerradas pelo preconceito, seja pelo fato de não se sentirem confortáveis em se abrir com qualquer pessoa sobre as dificuldades vivenciadas no relacionamento por medo de um julgamento equivocado e que acabe gerando ainda mais problemas e sofrimento.⁸

Outro fator importante que dificulta muito a identificação de um relacionamento abusivo quando se trata de casais lésbicos é a falta de referência. As mulheres continuam sendo criadas para se apaixonarem e se relacionarem com homens, assim como os homens continuam sendo criados para se apaixonarem e se relacionarem com mulheres. O que acontece é que quando uma mulher se entende como lésbica é como se não houvesse um parâmetro de relacionamento, tendo em vista que toda sua referência é pautada em relações heteroafetivas. A heteronormatividade vigente em nossa sociedade contribui para que seja extremamente difícil se entender como mulher lésbica e saber o que esperar a partir disso seja na vida pessoal, profissional e/ou amorosa.

A heteronormatividade diz respeito ao sistema de organização da sociedade que pressupõe a heterossexualidade como normal e normativa diante de outras formas de vivência das sexualidades. Deste modo, as normas definidoras da sexualidade "normal" requerem o casal formado por um homem e uma mulher, afetivo-sexualmente complementares, opostos em seus papéis sociais e sexuais – tidos pelo aqui criticado paradigma naturalista, como inerente a cada um dos sexos –, monogâmicos e, preferencialmente, dentro de instituição do casamento. Assim, compõem uma ordem social e sexual na qual são postas expectativas e demandas para homens e mulheres, esperando destes o seguimento das normativas de sexo/gênero/desejo baseadas na heterossexualidade, vista como ideal e natural. Desse modo, o que diverge dessa norma é então classificado como imoral, desviante, aberração, doença, pecado e/ou é invisibilizado.^{9:730}

A invisibilidade que permeia os relacionamentos lésbicos faz com que essas mulheres muitas vezes demorem para entender que se relacionar com outra mulher é uma possibilidade e a partir do momento em que há essa compreensão, não raramente, elas não possuem conhecimento sobre as problemáticas e padrões presentes nesse tipo de relação, fato que torna essas mulheres mais vulneráveis à situação de abuso e torna a identificação do mesmo mais dificultosa.

A heteronormatividade é tão tensa, que jovens chegam a demorar pra se dar conta de que eles gostam de alguém do mesmo gênero romântica/sexualmente ou até perceber que ter relações desse tipo é uma possibilidade (veja o post da Carol como exemplo) ou até a entender que não sente atração sexual (veja post da Ariel sobre isso).¹⁰

Quando ouvimos falar na importância da representatividade, estamos nos deparando com questões como essas. A partir do momento em que uma mulher lésbica não possui um exemplo próximo ao que possa se espelhar, sua trajetória torna-se mais complicada do que a de uma mulher hétero, por exemplo, pois será preciso descobrir determinadas coisas por si só, muitas vezes entrando em contato com situações aversivas e danosas, como é o caso de relacionamentos abusivos em casais lésbicos, por falta de conhecimento sobre o assunto.

As próprias campanhas de prevenção contra violência doméstica e relacionamentos abusivos tem o foco voltado para relações heteroafetivas onde o abusador tende a ser o homem. Pelo fato de não se relacionarem com homens, mulheres lésbicas tendem a achar que o abuso é algo extremamente distante e até mesmo inexistente em sua realidade. Mesmo quando já envolvidas em uma relação abusiva são facilmente convencidas por suas parceiras de que tais sentimentos e sensações em relações lésbicas são comuns e "normais", sendo assim, acreditam que aquele relacionamento problemático, instável e danoso é um padrão aceitável.⁶

Deste modo, o presente trabalho tem como principal finalidade analisar os padrões de ocorrência de relacionamentos abusivos em casais lésbicos, assim como suas principais características, sendo de extrema importância pelo fato de ser um tema pouquíssimo estudado e não possuir a devida visibilidade, fato que contribui para a ocorrência e subnotificação de abuso em relacionamentos lésbicos, dificultando a identificação do mesmo.

METODOLOGIA

O estudo como um todo trata-se de uma pesquisa quali-quantitativa de caráter exploratório, de corte transversal. O recorte em questão refere-se aos resultados quantitativos. Os dados foram coletados por meio de um formulário desenvolvido em planilha eletrônica, composto por 40 perguntas, sendo 32 objetivas e 5 dissertativas (referentes ao conceito de relacionamento abusivo; dificuldades na identificação de um relacionamento abusivo; dificuldade para sair de um relacionamento abusivo; e um espaço para livre expressão de impressões). O formulário foi distribuído em grupos de WhatsApp com predominância do público lésbico, com o uso de uma estratégia de *snowball sampling* (técnica não-probabilística, onde um conjunto inicial de participantes é solicitado a divulgar, caso possa, a pesquisa, auxiliando no recrutamento de outros respondentes). Essa opção se deu pelo fato desse procedimento ser estratégico justamente em pesquisas com populações de difícil acesso, como grupos marginalizados. A amostra foi composta por 46 mulheres que se relacionam e/ou se relacionaram afetivamente com outras mulheres e se identificam como lésbicas. Vale ressaltar que a identidade das respondentes foi mantida em sigilo, não sendo solicitado no questionário o preenchimento de quaisquer dados pessoais que possibilitasse a identificação pessoal, como por exemplo nome, endereço e/ou número de documentos pessoais.

A rede social WhatsApp foi escolhida para distribuição do questionário por ser considerada uma plataforma de fácil acesso e grande disseminação. Após ter-se obtido 46 questionários respondidos, iniciou-se o processo de análise. A análise quantitativa foi realizada de forma descritiva e inferencial com base no software SPSS 20.0., fazendo uso de análises descritivas e inferenciais, conforme o caso.

Em termos dos cuidados éticos, o presente trabalho se fundamenta naquilo que indicam as resoluções 466/12 e 510/16. Nesse caso, conforme Artigo 1, Parágrafo único (não serão registradas nem avaliadas pelo sistema CEP/CONEP), nos incisos I (pesquisa de opinião pública com participantes não identificados) e V (pesquisa com bancos de dados, cujas informações são agregadas, sem possibilidade de identificação individual), o trabalho teve dispensada a aprovação de Comitê de Ética em Pesquisa com Seres Humanos em razão dos dispositivos da Resolução CNS 510/16. Para esse entendimento, além da própria resolução em si, foi consultado o Conselho Nacional de Saúde (CNS), por meio de correspondências eletrônicas. Ainda assim, utilizou-se um Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE), no qual as respondentes eram informadas acerca da proposta geral do estudo, bem como de suas garantias e direitos, inclusive ao de sigilo das informações e da possibilidade de desistência a qualquer momento e sem ônus de qualquer espécie. Com isso, em todas as

fases do processo os cuidados éticos foram respeitados. Por fim, o estudo não recebeu financiamento e não apresenta quaisquer conflitos de interesses.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

Tendo em vista os objetivos delineados para o presente estudo, decidiu-se apresentar os resultados tendo por base a discussão de cada um dos objetivos específicos para, em seguida, discutir o geral. Ainda assim, o primeiro aspecto a ser discutido nos resultados refere-se ao perfil da amostra. Essa decisão é estratégica, sobretudo, tendo em vista a característica exploratória já mencionada no trabalho.

Dessa forma, inicialmente a proposta foi a de conhecer minimamente as participantes. Os resultados obtidos referentes à idade indicam uma prevalência de respondentes mais jovens, com 54,34% delas na faixa etária dos 20 aos 25 anos, e 26% com idade entre 26 e 30 anos. Desse modo, a ampla maioria das respondentes entra na faixa caracterizada como sendo adulto-jovem, onde a delimitação de papéis sociais e os desafios associados ao estabelecimento dos vínculos sociais serão marcantes ¹¹. Vale lembrar que a amostra foi composta por 46 mulheres, que se identificam como lésbicas, com faixa etária entre 20 e 40 anos (\bar{x} = 26,5 dp = 5,2). Em relação à escolaridade houve uma variação do fundamental ao mestrado, mas caracterizando-se, prioritariamente, por mulheres de alta escolaridade. Desse modo, 54,4% das respondentes têm, pelo menos, o curso superior completo. Se considerarmos as que ao menos iniciaram o curso superior, esse número salta para 91,4%.

Tabela 1 – Perfil sociodemográfico das participantes

Idade (anos)	%
20-25	54,3
26-30	26
31-35	8,7
36-40	10,9
Escolaridade	%
Fundamental	2,2
Médio	6,5
Superior em curso	37,0
Superior completo	34,8
Especialização	17,4
Mestrado	2,2

Fonte: Pesquisa de campo

Esses dados acabam contrastando com os dados do IBGE¹², que indicam 17,4% da população com ensino superior completo e 4% com ensino superior em curso. Os achados do presente estudo acabam se aproximando daqueles obtidos por Alencar, Ramos e Ramos ³, quando investigam o perfil de vítimas e agressoras em boletins de ocorrência de violência

entre casais lésbicos de Belém (PA), no período de 2011 a 2015. Naquele estudo, os autores identificam escolaridade mais elevada que o perfil geral do brasileiro, tanto para agressoras, quanto para agredidas. Contudo, os resultados obtidos nesse estudo, bem como em Alencar, Ramos e Ramos ³, devem ser tomados com cautela. Apesar da série temporal, o trabalho dos autores conta com apenas 48 B.O.s. O estudo aqui apresentado trouxe apenas 46 respondentes, também sinalizando para dificuldades em termos da generalização dos achados. Com isso, apesar de os achados poderem sugerir um maior investimento da população em questão em escolaridade como estratégia de inserção, também é possível que se tratem vieses das duas pesquisas.

Em relação à incidência de relacionamentos abusivos entre lésbicas (primeiro objetivo específico deste trabalho), duas estratégias distintas foram utilizadas. A primeira delas envolveu um item isolado, onde a respondente deveria indicar se percebia algum tipo de vivência de relacionamento abusivo em sua vida. Nesse caso, 84,8% afirmou ter vivenciado pelo menos um relacionamento abusivo com alguma parceira. Vale destacar que 28,3% das respondentes indicavam um padrão recorrente de relacionamentos abusivos. Esse dado já chama atenção por sua elevada taxa, mesmo em um estudo exploratório. A segunda estratégia, no entanto, dá um destaque ainda maior ao resultado. O item mencionado anteriormente caracteriza-se como medida de autorrelato. Nesse sentido, é possível a vivência de uma relação abusiva, mas sem a percepção da vítima, sobretudo nos primeiros momentos, em função dos diferentes marcadores culturais e sociais.^{1 2 3} Diante disso, a segunda estratégia privilegiou a análise das experiências de vida relatadas em cada um dos casos, de modo a estabelecer experiências de relacionamentos abusivos, sujeito a sujeito. Assim, quando analisada a vivência de relacionamentos abusivos, os resultados obtidos mostraram que 95,6% das participantes já estiveram em um ou mais relacionamentos abusivos. Sobre esses aspectos ainda se pode afirmar que o fato da mulher possuir alta escolaridade não a protege de vivenciar um relacionamento destrutivo. O uso de técnicas não-paramétricas de análise não indicou diferença significativa associada à escolaridade, sugerindo que aspectos relacionados à cultura e à própria dinâmica afetiva possam ser preditores mais eficientes. Logo, pode-se dizer que o conhecimento necessário para prevenção de relacionamentos abusivos não está associado à escolaridade, mas sim ao conhecimento específico sobre o tema.

O trabalho de Alencar, Ramos e Ramos ³ apresenta diferenças sutis em termos do perfil da agressora para a agredida. Nesse caso, houve uma quantidade ligeiramente superior de agressoras com menor escolaridade, mas que não permite configurar uma tendência, dada a limitação de respondentes e a especificidade do plano amostral. De toda sorte, houve predominância do ensino médio, “com 32,35% para as mulheres em situação de violência e

29,41% para as autoras (...) [e] a igualdade de percentuais (20,59%) para ambas que tinham o ensino superior incompleto e completo.”³ Esses dados mostram que o grau de escolaridade e cultura não estão relacionados à ocorrência de relações abusivas, “Ao contrário do que a ideologia dominante, muitas vezes quer fazer crer, a violência doméstica independe de status social, grau de escolaridade ou etnia.”¹³

Um fator que pode contribuir para a ocorrência desse padrão de relações abusivas é a própria representação social do amor, ou seja, o modelo de amor que nos é apresentado, juntamente com a construção da representação dos papéis do feminino na cultura. Por diversas vezes vemos em filmes e novelas aqueles amores avassaladores e até mesmo ferozes. Amores muitas vezes conturbados, que apresentam como base o controle sobre a parceira, mas ainda assim são tidos como exemplos de profundidade e paixão. “Existe uma romantização do relacionamento abusivo pela nossa cultura pela música, literatura, cinema, TV, entre outros meios de comunicação e por muitas vezes não é recebida de forma correta” ². Nesse caso, a existência de uma relação na qual a mulher é vista como objeto de uma relação de manipulação e internaliza certas obrigações construídas socialmente na sujeição do desejo do outro acaba sendo reproduzida em uma replicação tóxica da heteronormatividade estereotipada. ¹⁴

Os problemas encontrados dentro dessas relações, as dificuldades, a instabilidade, o ciúme excessivo, o sentimento de posse e os comportamentos com ímpeto agressivo que giram em torno disso são vistos como “normais” e até mesmo esperados. ^{1 15}. A premissa amplamente difundida na cultura de que “quem ama, cuida” serve para ilustrar essa ideia. O problema é que quando essa frase é dita, o verbo “cuidar” vem associado ao controle exercido sobre a parceira, seja por conta do ciúme ou de qualquer outro fator que induza a esse tipo de comportamento. A pessoa que “cuida” é colocada numa condição de obrigatoriedade de estar disponível para se doar de maneira incondicional à outra parte. Quando essa dinâmica vem associada ao papel socialmente construído da mulher como ser vocacionado aos papéis de cuidado, esse se torna um componente intensificado. Logo, em maior ou menor escala, essas parceiras são ensinadas a esperar e aceitar um amor, mesmo que não funcional e/ou saudável.

Vivendo em uma sociedade que normaliza o padrão deste tipo de relacionamento, tornando-o romântico e justificável, fica difícil até para as próprias vítimas entenderem o que se passa com elas, e esse entendimento acontece somente quando a violência além de psicológica passa a ser física².

Ainda em relação à identificação da vivência de relacionamentos abusivos, foram estabelecidas comparações entre as percepções e os padrões de vivências, o que está sintetizado na Tabela 2 a seguir.

Tabela 2 – Identificação da vivência de relacionamentos abusivos

	%
Esteve em um relacionamento abusivo e reconhece.	39,1
Esteve em mais de um relacionamento abusivo e reconhece.	26,1
Esteve em mais de um relacionamento abusivo, mas percebe apenas um	17,4
Esteve em um relacionamento abusivo, mas não percebe.	6,5
Esteve em mais de um relacionamento abusivo, mas não percebe nenhum	4,3
Já esteve em um relacionamento abusivo, mas acredita ter estado em mais de um.	2,2

Fonte: Pesquisa de campo

A vivência de relacionamentos abusivos é identificada de forma assertiva por 65,2% das participantes, ao passo que 34,8% delas apresentam percepções equivocadas sobre suas vivências. Vale destacar que 28,2% das respondentes apresentam algum tipo de negação das vivências abusivas. 17,4% subdimensionam as vivências, ao passo que 10,8% não percebem a existência do abuso, a despeito dos padrões de relacionamento darem conta da existência do mesmo.

A dificuldade em identificar um relacionamento abusivo faz com que as mulheres se mantenham nessa situação por mais tempo. Segundo Barretto¹⁶ pessoas que sofrem e/ou sofreram abuso em seus relacionamentos dizem perceber o poder e manipulação exercidos por parte da figura abusadora no momento em que a violência já se apresenta de forma mais nítida.

Em termos do mapeamento das categorias de agressão vivenciadas (segundo objetivo específico do presente trabalho), foram abordadas três categorias: psicológica, física e sexual. Essas vivências eram perguntadas separadamente, de modo que cada uma das respondentes poderia indicar padrões únicos de vivência. Em termos gerais, percebe-se diferença significativa ($p < 0,001$) em termos da vivência de abusos e agressões psicológicas, que foram reportadas muito mais vezes (95,7% de ocorrências) que a violência física (30,4% de ocorrências) e a violência sexual (19,6% de ocorrências). Essas duas últimas categorias, aliás, não apontaram diferenças significativas entre si.

No trabalho de Alencar, Ramos e Ramos³ são analisados boletins de ocorrência, nos quais foram identificadas situação de violência doméstica entre mulheres (onde a agressora e a vítima são do sexo feminino e trata-se de uma relação amorosa). Os 48 boletins de ocorrência analisados nesse artigo foram registrados no estado do Pará, na cidade de Belém, na Delegacia de Atendimento à Mulher. Refletem violência psicológica 60,88% dos BOs

analisados e violência física 34,78%. Deste modo, observa-se que os dados obtidos por eles em relação à violência psicológica contrastam em relação aos obtidos no presente trabalho, ao passo que os dados que se referem à violência física são bastante próximos.

O trabalho de Colossi¹⁷ traz que “No Brasil, estudos de prevalência estimam que entre 26% e 34,5% das mulheres vivenciam algum tipo de violência por parte de seus companheiros”. Contudo, ela ressalta que esses dados se referem à parte explícita do fenômeno, ou seja, a violência física.

Os dados obtidos nos três trabalhos, no que dizem respeito à violência física, são bastante próximos, mesmo o estudo de Colossi¹⁷ tendo como base relacionamentos heteroafetivos. Esse fato nos permite dizer que, diferente do que o senso comum tende a acreditar, apesar de ocorrer com menor frequência, os abusos físicos e sexuais também se fazem presentes em relacionamentos lésbicos e com frequência similar aos ocorridos em relacionamentos heteroafetivos. “Muitos dos padrões de abuso são os mesmos para o abusador masculino ou feminino”.¹

Tabela 3 – Identificação da vivência de agressão psicológica

	%
Sofreu agressão psicológica em um dos relacionamentos, mas acredita nunca ter sofrido.	10,9
Sofreu agressão psicológica em um dos relacionamentos e reconhece	37,0
Sofreu agressão psicológica em mais de um relacionamento, mas acredita nunca ter sofrido	8,7
Sofreu agressão psicológica em mais de um relacionamento, mas acredita ter sofrido apenas em um.	10,9
Sofreu agressão psicológica em mais de um relacionamento e reconhece	28,3
Nunca sofreu agressão psicológica	4,3

Fonte: Pesquisa de campo

A violência psicológica, apesar de apresentar maior incidência quando comparada aos outros tipos de violência (física e sexual), é a mais difícil de ser observada e identificada. Observa-se que 19,6% das participantes apresentam negação total e 10,9% apresentam negação parcial quanto à vivência de agressão psicológica.

Segundo Alencar, Ramos e Ramos³, durante um período considerável a violência psicológica pode ocorrer sutilmente dentro da relação, de forma a dificultar a identificação da mesma, tendo em vista que ela se manifesta através de pequenos atos violentos. Nesse aspecto concordam com eles Neal¹ e Colossi¹⁷. “O comportamento abusivo nem sempre é manifesto; muitas vezes é sutil.”¹

Quanto à significância das agressões psicológicas, Colossi¹⁷ diz causarem danos tão severos ao psiquismo humano quanto às agressões físicas, ao passo que Neal¹ diverge ao dizer que muitas vezes ouve mulheres dizerem que o abuso psicológico é pior que qualquer tipo de

abuso físico. Alencar, Ramos e Ramos ³, por sua vez, concordam com ambas as autoras ao defender que: “a violência psicológica pode causar tanto ou mais sofrimento para a vitimada que outras formas de violência.”

Ainda Segundo Neal¹ além do abuso sutil, que prejudica a saúde emocional, assim como o bem-estar da vítima, existe também o abuso velado que causa o mesmo. O que diferencia os dois é que o abuso sutil, pelo fato de aparentar ser insignificante, pode se manter à vista, ao passo que identificar o abuso velado é algo mais complicado. Ambos se configuram por violência psicológica/emocional, o primeiro sendo naturalizado (aceito socialmente) e o segundo sendo dificilmente identificado. “(...) muitas mulheres não reconhecem que estão sofrendo maus-tratos se não forem xingadas ou abusadas fisicamente.” ¹

Um fator bastante significativo que pode contribuir para a dificuldade em se identificar a violência psicológica, são os jogos mentais característicos de relacionamentos abusivos. A abusadora, não raramente, utiliza-se de técnicas de manipulação distorcendo fatos, faltando com a clareza, depreciando a parceira, dentre outras táticas que geram confusão, mágoas e sensações como irritabilidade, vergonha, culpa e remorso tornando a identificação da violência mais difícil, tendo em vista que a figura que está sofrendo o abuso passa questionar a sua própria percepção dos fatos.¹

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A presente pesquisa apresenta como objetivo analisar a vivência de relacionamentos abusivos entre lésbicas e suas repercussões, buscando também descrever a incidência de relações abusivas e mapear as categorias de agressão vivenciadas por esse público. Para isso, conduziu-se um estudo de natureza exploratória, com um *survey* aplicado mediante formulário eletrônico. Os resultados apontam uma taxa expressiva na vivência de relacionamentos abusivos, sobretudo em termos de agressões psicológicas. Além disso, percebeu-se uma tendência à não percepção dessas vivências, que foram ou subdimensionadas, ou negadas, a despeito dos relatos darem conta de sua existência. Nesse sentido, inclusive, a escolaridade e a idade das respondentes não indicaram efeito sobre esses padrões, sugerindo que as variáveis ocorrem com um efeito sistêmico, possivelmente associado à cultura.

Neste presente estudo foi observado que a ocorrência de relacionamentos abusivos em casais lésbicos é altíssima, ainda que exista pouco debate sobre a temática, seja em termos de estudos, seja na esfera pública. Como consequência, acaba ocorrendo uma carência em termos de educação para o tema e de políticas públicas que deem conta da questão. As

violências física, sexual e psicológica recebem maior atenção quando se trata de relacionamentos heteroafetivos. Contudo, foi observado que essas violências também ocorrem com frequência em relacionamentos lésbicos e não apenas deixam marcas em suas vítimas, mas essas marcas acabam sendo negligenciadas.

Desta forma, este trabalho oferece contribuições no sentido de possibilitar uma ampliação do debate sobre o tema. Ao mesmo tempo, é importante reconhecer que as características exploratórias são uma limitação natural do estudo. É importante, desse modo, que novos estudos possam ampliar os resultados aqui obtidos, possibilitando não só uma melhor generalização dos achados, mas uma avaliação de eventuais variáveis antecedentes e consequentes, o que possibilitará a criação de políticas públicas e ações de intervenção mais assertivas.

REFERÊNCIAS

- 1 - Neal A. Relações destrutivas: se ele não é tão bom assim, por que me sinto tão mal. São Paulo: Gente, 2018. 256 p.
- 2 - D'Agostini M, Zanin CAS, Moro, CD, Czismoski DF. Representações sociais sobre relacionamento abusivo / social representations about abusive relationships. Brazilian Journal of Development, [S.L.], v. 7, n. 2, p. 20701-20721, 2021. Brazilian Journal of Development. <http://dx.doi.org/10.34117/bjdv7n2-627>.
- 3 - Alencar RS, Ramos EMLS, Ramos MFH. Violência Doméstica nas Relações Lésbicas: registros da invisibilidade. Revista Brasileira de Segurança Pública, [S.L.], v. 12, n. 1, p. 174-186, 23 dez. 2018. Revista Brasileira de Segurança Pública. <http://dx.doi.org/10.31060/rbsp.2018.v12.n1.809>.
- 4 - Avena DT. A Violência Doméstica Nas Relações Lésbicas: Realidades E Mitos. Aurora, [S.L.], n. 7, p. 174-186, 17 out. 2010.
- 5 - Gomes IRR, Fernandes SCS. A permanência de mulheres em relacionamentos abusivos à luz da teoria da ação planejada. Bol. - Acad. Paul. Psicol., São Paulo, v. 38, n. 94, p. 55-66, jan. 2018. Disponível em: <http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1415-711X2018000100006&lng=pt&nrm=iso>. acessos em 13 jul. 2022.
- 6 - Santos AC. 'Entre duas mulheres isso não acontece' – Um estudo exploratório sobre violência conjugal lésbica*. Revista Crítica de Ciências Sociais, [S.L.], n. 98, p. 3-24, 1 set. 2012. OpenEdition. <http://dx.doi.org/10.4000/rccs.4988>.
- 7 - Souza AB, Alves GD, Silveira LA, Oliveira LC. Os impactos do preconceito social e familiar na saúde mental das lésbicas, gays, bissexuais e transsexuais. Research, Society and Development, [S.L.], v. 9, n. 4, p. 1-18, 13 mar. 2020. Research, Society and Development. <http://dx.doi.org/10.33448/rsd-v9i4.2760>.

8 - Albertim R; Martina M. Ciclo do relacionamento abusivo: desmistificando relações tóxicas. In: 41º Congresso Brasileiro da Comunicação, 2-8 de setembro de 2018, Joinville, SC. Anais do 41º Congresso Brasileiro da Comunicação. Universidade Federal Rural de Pernambuco, PE, 2018. p. 1-13.

9 - Toledo L Gonçalves F, Teixeira FS . Lesbianidades e as referências legitimadoras da sexualidade. *Estud. pesqui. psicol.*, Rio de Janeiro, v. 10, n. 3, p. 729-749, dez. 2010. Disponível em <http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1808-42812010000300006&lng=pt&nrm=iso>. acessos em 13 jul. 2022.

10 -Martins D. O que é Heteronormatividade? 2016. Disponível em: <http://www.conversacult.com.br/2016/03/o-que-e-heteronormatividade.html>. Acesso em: 10 maio 2022.

11 - Papalia DE, Feldman RD. *Desenvolvimento humano*. Porto Alegre: Artmed, 2013.

12 - IBGE. Conheça o Brasil - População EDUCAÇÃO. 2020. Disponível em: <https://educa.ibge.gov.br/jovens/conheca-o-brasil/populacao/18317-educacao.html>. Acesso em: 14 jun. 2022.

13 - Fonseca, PM da, Lucas TNS. Violência doméstica contra a mulher e suas consequências psicológicas. 2006. 24 f. TCC (Graduação) - Curso de Psicologia, Psicologia, Escola Bahiana de Medicina e Saúde Pública, Salvador, 2006

14 - Souza D de, Silva MA da; Beiras A. Violência nas relações íntimas entre mulheres: Revisão integrativa da literatura. *Revista Interamericana de Psicologia*, [S.L.], v. 55, n. 2, p. 1-21, 2021.

15 - Netto LA *et al.* Violence against women and its consequences. *Acta Paulista de Enfermagem*, [S.L.], v. 27, n. 5, p. 458-464, out. 2014. FapUNIFESP (SciELO). <http://dx.doi.org/10.1590/1982-0194201400075>.

16 - Barreto RS. Relacionamentos abusivos: Uma discussão dos entraves ao ponto final. *Gênero*, Niterói, v. 18, n. 2, p. 142-154, 2018. Revista.

17 - Colossi PM. Gritos do silêncio: a violência psicológica no casal. 2011. 81 f. Dissertação (Mestrado) - Curso de Psicologia, Programa de Pós-Graduação em Psicologia, Universidade do Vale do Rio dos Sinos, São Leopoldo, 2011.

CONTATO:

Mino Correia Rios: mino.rios@gmail.com